

“Do teu voto dependerá o futuro”: eleições municipais e imprensa local na comunicação entre candidatos e eleitores (Canoas/RS: 1947-1959)

Douglas Souza Angeli¹
Marluza Marques Harres²

Resumo: Considerando a importância dos periódicos enquanto fontes históricas, este artigo propõe uma análise da imprensa local como um canal de comunicação entre candidatos e eleitores. O recorte temporal concerne à primeira experiência democrática brasileira, entre 1945 e 1964, tendo como ponto de observação as eleições municipais realizadas em Canoas/RS nesse período. A criação de importantes partidos políticos nacionais e a mudança no perfil dos eleitores, modificaram a relação entre eleitores e candidatos – que, em busca do voto, passam a construir uma popularidade eleitoral. Qual o papel da imprensa local na relação entre candidatos e eleitores? Como partidos e candidatos se dão a ler e a ver por meio de textos e imagens? Quais representações acerca do voto, das eleições, do ser candidato e do ser eleitor podemos apreender a partir da leitura desses periódicos? A análise interna e externa dessas fontes, permite compreender o papel da imprensa local enquanto canal de comunicação entre candidatos e leitores. Nela, encontramos representações acerca do voto e dos significados de ser eleitor e ser candidato que podem ser compreendidas como componentes da rede de sentidos constitutiva do campo político.

Palavras-chave: Eleições municipais; Imprensa; Canoas/RS; Construção do eleitor.

“Du ton vote dépendra de l'avenir”: les élections municipales et la presse locale dans la communication entre les candidats et les électeurs (Canoas/RS: 1947-1959)

Résumé: Compte tenu de l'importance des revues comme sources historiques, cet article propose une analyse de la presse locale comme un canal de communication entre les candidats et les électeurs. Le laps de temps concerne la première expérience démocratique brésilien entre 1945 et 1964, en prenant comme point de regarder les élections municipales de Canoas/RS de cette période. La création de partis politiques nationaux importants et le nouveau profil des électeurs, a changé la relation entre les électeurs et les candidats - qui, à la recherche du vote, procèdent à construire une popularité électorale. Quel est le rôle des médias locaux dans la relation entre les candidats et les électeurs? En tant que partis et candidats sont donnés à lire et à voir à travers des textes et des photos? Quelles représentations sur le vote, l'élection, d'être un candidat et d'être un électeur peut saisir à la lecture de ces journaux? L'analyse interne et externe de ces sources nous permet de comprendre le rôle des médias locaux comme un canal de communication entre les candidats et les lecteurs. Dans ce document, on trouve des représentations dans le vote et les significations d'être électeurs et d'être candidat qui peut être inclus en tant que composants de la signification constitutifs du réseau sur le terrain politique.

Mots-clés: Élections municipales; Presse; Canoas/RS; Construction du électeur.

Considerações iniciais

Sabemos que as fontes históricas são fundamentais para o ofício do historiador. Ao tratar da diversidade dos “testemunhos históricos”, Marc Bloch alertara: “Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”

¹ Mestrando em História na Unisinos. Bolsista do programa CAPES/PROSUP.

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos.

(2001, p. 79). Considerando a emergência do paradigma indiciário nas Ciências Humanas do século XIX, Carlo Ginzburg fala-nos de “sinais” e de “indícios” pelos quais a realidade se dá a decifrar (2012, p. 177). E procede a seguinte comparação: “O historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. O conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 2012, p. 157).

Sandra Pesavento admitia que a História seria uma forma de ficção, sendo, no entanto, uma ficção controlada “pelos indícios recolhidos, pela testagem a que se submete esses indícios, pela recorrência ao extratexto” (2012, p. 62). Abordando as mudanças epistemológicas ligadas ao surgimento da História Cultural, a autora destacou o entendimento de que a “realidade do passado só chega ao historiador por meio das representações”. Por meio delas, o historiador busca decifrar a realidade do passado, “tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 42).

A perspectiva teórica, esboçada acima, guiará o olhar que direcionaremos aos documentos pesquisados para este artigo. São fontes jornalísticas, da imprensa local que circulou no município de Canoas/RS entre 1947 e 1955: os jornais *O Democrata*, *Canoas em Marcha*, *Expressão*, *O Momento* e *Gazeta de Notícias*. Algo mais precisa ser dito: entendemos, como Ricardo de Aguiar Pacheco, que compreender o campo político “passa por rastrear, nos indícios deixados pelo passado, os significados atribuídos às representações e práticas sociais” (2008, p. 172). E as seguintes questões orientarão esse rastreamento: Qual o papel da imprensa local na relação entre candidatos e eleitores? Como partidos e candidatos se dão a ler e a ver por meio de textos e imagens? Quais representações acerca do voto, das eleições, do *ser candidato* e do *ser eleitor* podemos apreender a partir da leitura desses periódicos?

Cenário, atores e textos

O município, antigo distrito de Gravataí, mudara de status quando, em pleno Estado Novo, fora emancipado e tivera nomeado seu primeiro prefeito. Oito anos depois, já tendo dobrado sua população, Canoas tinha como símbolo de sua metamorfose o ampliar de sua

mancha urbana³. O ano era 1947, e a cidade se preparava para o exercício inédito de eleger vereadores.

A eleição de 1947 tinha por objetivo formar a primeira legislatura da Câmara Municipal. A ditadura de Getúlio Vargas havia terminado, a Constituição de 1946 havia sido promulgada e o Brasil vivia a primeira experiência de democracia em toda sua história (CARVALHO, 2013, p. 126-127). O resultado desse pleito revelaria o predomínio do Partido Social Democrático (PSD), partido do prefeito Nelson Paim Terra e que elegeu cinco dos nove vereadores. Restavam duas cadeiras para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), uma para a União Democrática Nacional (UDN) e uma para o Partido de Representação Popular (PRP)⁴.

Em 1951 seria realizada a segunda eleição municipal, dessa vez para eleger vereadores e prefeito. E com a eleição de Sady Fontoura Schvitz (PTB), inaugurava-se uma tendência passível de ser observada pela evolução das bancadas por partido entre 1947 e 1963 e pelo perfil dos prefeitos eleitos nesse período: o PTB elegendo as maiores bancadas e dois dos quatro mandatários eleitos para o executivo municipal nesse espaço de tempo (RANICHESCKI, 1998).

Na história política brasileira, essa fase é marcada pela implantação dos partidos políticos nacionais, que passaram a ter um intenso papel nas relações entre o eleitor – obrigado a votar caso alfabetizado – e o candidato – que precisa do voto (CANÊDO, 2010, p. 537). Assim, o perfil do eleitorado se altera, levando os candidatos e os partidos a modificarem as formas de atuação válidas no período anterior a 1930. Em Canoas, o acelerado ritmo de crescimento demográfico – que ampliou em cerca de seis vezes o contingente populacional da cidade em apenas duas décadas –, modificou seu cenário⁵.

Letícia Bicalho Canêdo também atribui importância ao período após a Era Vargas, do ponto de vista da história do voto, pois a unificação administrativa, jurídica, política educacional e cultural promovida, permitiu “a introdução do voto obrigatório, que por fim vai fazer surgir o eleitor-cidadão no Brasil” (2010, p. 537). É, assim, um período importante para

³Segundo os censos demográficos realizados pelo IBGE, Canoas contava com 17.630 habitantes em 1940; 39.826 em 1950; e 103.503 em 1960 (Fundação Estadual de Economia e Estatística). Há um estudo realizado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente que registra 8,34% de área ocupada pela mancha urbana no município em 1940; esse índice passa para 23,30% em 1970 (Instituto Canoas XXI, 2011).

⁴ Resultado das eleições de 15 de novembro. O Democrata. Canoas. 20 Nov. 1947. Capa. (UPHAM).

⁵Um importante panorama da formação dos bairros de Canoas pode ser encontrado na série Canoas para lembrar quem somos, do Unilasalle, em especial os volumes Rio Branco e Niterói, organizados por Rejane Penna (2 ed, 2004) e os volumes Fátima e Harmonia, organizados por Cleusa Graebin (2011; 2013).

a compreensão do processo de construção do eleitor, remetendo à obra de Michel Offerlé – que considera “a invenção da categoria de cidadão eleitor como um enigma e reflete sobre a construção realizada pela ação dos múltiplos atores que compõem a instituição do sufrágio universal para fabricar um corpo eleitoral, um eleitor e um eleitorado” (CANÊDO, 2005, p. 18).

Michel Offerlé, ao tratar da construção do eleitor, faz o seguinte questionamento: “Como levar os cidadãos a se tornarem cidadãos, a se inscrever e votar?” (2005, p. 353). Com a profissionalização dos políticos, inventou-se tecnologias de conquista de votos e apelo do civismo, pois ao construir um eleitor eles se tornam elegíveis. Segundo Offerlé, “construir um eleitor é produzir agentes que reconhecem um interesse na competição eleitoral” (2005, p. 356).

Para o estudo dos processos de construção de eleitores e de eleitorados, que estamos buscando proceder com base nas primeiras eleições realizadas em Canoas (1947 – 1963), encontramos nas fontes jornalísticas um caminho bastante profícuo devido ao considerável volume de exemplares da imprensa local: *O Democrata*, *Canoas em Marcha*, *A Notícia*, *Gazeta de Canoas*, *Correio de Canoas*, *Expressão*, *O Momento*, *Folha de Canoas*, *Gazeta de Notícias* e *O Gaúcho* circularam nesse período, e o início de suas curtas existências diversas vezes coincide com os períodos pré-eleitorais.

Jornais e eleições: a política se dá a ler

Enquanto fontes históricas, os periódicos têm sido bastante significativos para o ofício dos historiadores, inclusive para a História Política, como ressaltaram recentemente Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira: “Jornais e revistas, com posições políticas diferentes, permitem ao historiador avaliar como importantes veículos de formação de opinião noticiavam determinado evento, em um dado momento” (2014, p. 12).

Sobre a utilização de jornais na produção do conhecimento histórico, Renato Venâncio e Marina Camisasca reconhecem os periódicos como “materiais de pesquisa valiosos para o estudo de uma época. Neles é possível encontrar projetos políticos e visões de mundo representativos de diversos setores da sociedade” (VENÂNCIO e CAMISASCA apud CAMPOS, 2009, p. 20). Helena Guimarães Campos ainda assinala as vantagens do jornal enquanto fonte de pesquisa: como é publicado periodicamente ele estabelece uma ordem

cronológica dos fatos. Além disso, ele ajuda na “contextualização do fato pesquisado porque traz notícias sobre diferentes assuntos, compondo uma memória do dia a dia” (CAMPOS, p. 21).

Considerando o papel fundamental da mídia na vida cotidiana, Roger Silverstone propõe seu estudo como “algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (2002, p. 13). Para ele, a mídia depende do senso comum: “ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e distorce” (SILVERSTONE, 2002, p. 21). Segundo o autor, “tanto a estrutura como o conteúdo das narrativas da mídia e das narrativas de nossos discursos cotidianos são interdependentes, que, juntos, nos permitem moldar e avaliar a experiência” (SILVERSTONE, 2002, p. 31).

Em *Por que estudar a mídia*, Roger Silverstone nos chama a atenção para o seguinte: devemos estudar a mídia pela necessidade de focar no movimento dos significados “através dos limiares da representação e da experiência” (2002, p. 43). Para tal estudo, é necessário compreender sua política: “sua vulnerabilidade ao exercício do poder; sua dependência do trabalho de instituições e de indivíduos; e seu próprio poder de persuadir e de reclamar atenção e resposta” (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Cláudio Pereira Elmir afirma que o historiador não pode se contentar em proceder a leitura do jornal antigo como procede a leitura do jornal de hoje, pois o jornal enquanto fonte histórica exige uma leitura intensiva, meticulosa e exaustiva (1995, p. 21). Segundo essa proposta, passemos à análise de excertos de dois jornais que circularam em Canoas durante as eleições de 1947 e de 1951: na primeira data, *O Democrata*; na segunda, *Canoas em Marcha*.

Foram periódicos editados em dois momentos diferentes. *O Democrata* surgiu em 1947, quando o município era governado pelo PSD do prefeito Nelson Paim Terra e preparava-se para eleger seus primeiros vereadores. O diretor do jornal era o próprio prefeito, e a gerência cabia ao empresário Artur Pereira de Vargas, candidato a vereador pelo PSD⁶. Isso não impedia de figurar, logo abaixo das letras grandes em que se lia *O Democrata*, a expressão “órgão independente”.

Quatro anos depois, quando novamente se procediam os ritos característicos daquilo que Moacir Palmeira e Beatriz Heredia chamam de “tempo da política” (2010, p. 17), surge *Canoas em Marcha*, jornal que se declarava “semanário independente”, mas que noticiava

⁶ O Democrata, Canoas, n.º 01, 05 jun. 1947. Capa.

com ênfase governista e divulgava com destaque as candidaturas ligadas ao PTB, partido do então prefeito José João de Medeiros⁷.

Desse corpus documental, passemos à transcrição de três textos presentes nos anúncios e manifestos de candidatos e partidos, publicados às vésperas das eleições de 1947 e de 1951. Na sequência de cada um, seguirá uma proposta de análise considerando as relações entre candidatos e eleitores/leitores.

O primeiro excerto foi publicado em *O Democrata* no dia 25 de outubro de 1947, quando vinte dias separavam os eleitores canoenses do seu encontro com as urnas. Trata-se de uma nota conjunta assinada pelos diretórios municipais do Partido Libertador (PL) e do Partido de Representação Popular (PRP) e intitula-se “Ao povo de Canoas”:

Os Diretórios Municipais do Partido Libertador e do Partido de Representação Popular comunicam ao povo de Canoas que, tendo em vista os mais altos interesses do município, depois de madura reflexão e autorização pelos órgãos estaduais das respectivas agremiações, decidiram concorrer à eleição de 15 de novembro próximo futuro, para vereadores, com uma chapa única, assim constituída: pelo Partido Libertador, Dirceu Pinto da Silva, comerciante; Luiz J. Ferreira, dentista; Pedro Shein, agricultor; Timótheo Morsch, perito-contador; Victor Milanez, economista. Pelo Partido de Representação Popular, Jacob Longoni, agricultor e criador; Melton Ignácio Both, bancário; Reny Regner, comerciante; Sezefredo A. Vieira, advogado. Desnecessário é sublinhar o mérito dos Partidos que nesta emergência conjugam seus esforços PELO PROGRESSO⁸ do nosso município: ambos se impõem à consideração e ao respeito públicos – um deles, porque herdeiro e detentor impertérrito de um conjunto de ideias e tradições em prol das quais se veem batendo, desde o Império, incontáveis patrícios digníssimos; o outro, por ser, embora mais novo, igualmente constituído de elementos de escol e, por sua vez, legatário de um passado heroico e de um programa inspirado nos mais caros princípios que presidiram a nossa formação nacional. Quanto aos candidatos que recomendamos ao sufrágio do eleitorado de Canoas, também parece escusado elogiá-los. Em seu conjunto, eles são como que uma miniatura do próprio povo do nosso município. Independentemente das qualidades de caráter, que os distinguem, tem a aboná-los a circunstância de serem, todos, homens de trabalho, e pertencerem às mais variadas profissões, o que lhes confere autoridade moral e intelectual para dotar o nosso município de leis adequadas e colaborar, proficientemente, com o poder executivo na promoção de medidas tendentes ao bem comum. O advogado que cultiva o direito; o agricultor e o criador, que dominam a natureza promovendo a produção; o homem do comércio ou de banco, coadjuvadores da circulação da riqueza; aqueles que têm por função curar dos males alheios ou cooperar para a prosperidade coletiva – todos estão representados na chapa que organizamos, para a defesa dos interesses de Canoas. Não o estão, aliás, por mera coincidência, mas porque, evidentemente, é forçoso que estejam. À Câmara de Vereadores caberão as elevadas e complexas atribuições de redigir as leis, discutir e votar os orçamentos do município. E, naturalmente, não é de esperar que se redijam leis, rigorosamente de acordo com a técnica jurídica e dentro dos limites constitucionais, sem a assistência de um bacharel de direito, que conheça a matéria; do mesmo passo que não se compreende o debate construtivo, eficiente, dos problemas concretos da administração, relativos à instrução, à higiene, a estradas ou às finanças, sem a experiência do comércio, da agricultura, das profissões liberais, e sem o conselho de peritos em economia.

⁷ Canoas em Marcha, Canoas, n.º 11, 20 out. 1951; n.º 15, 09 jan. 1952; n.º 17, 05 fev. 1952

⁸ Em caixa alta no original.

Apoiar, portanto, com entusiasmo, os candidatos que que proclamamos, levá-los à VICTÓRIA, é um imperativo para quantos almejam o progresso de Canoas, - imperativo cujo cumprimento beneficiará à população em geral e, ipso facto, a cada um de seus componentes em particular, pois, dos serviços que aqueles elementos, uma vez eleitos, prestarão ao município, haveremos de aproveitar, direta ou indiretamente, todos os que aqui nascemos ou vivemos.⁹.

Com a Constituição de 1946, os municípios brasileiros tiveram seus poderes ampliados, tendo assegurados, conforme o artigo 28, a autonomia política pelo estabelecimento de eleições para prefeito e vereadores (HARRES, 2006, p. 73-74). Com base em tal dispositivo, foram realizadas as eleições municipais de 1947 para composição da Câmara Municipal. Como destacou Marluza Harres, ao prefeito e aos vereadores caberia “a tarefa de ordenar a vida na cidade, estabelecendo regras para a boa convivência, organizando os serviços públicos locais e aplicando com eficiência as rendas disponíveis para tal” (2006, p. 74).

A nota publicada conjuntamente pelo PL e pelo PRP – destinada “ao povo” de Canoas – salienta outra característica tida como apropriada aos que se propunham a representar esse mesmo povo na Câmara Municipal. Para além das “qualidades de caráter”, seus candidatos a vereadores dispunham de “autoridade moral e intelectual”. E essa capacidade dotaria o município de leis adequadas, colaborando “proficientemente” com o poder executivo. O qualificativo “homens de trabalho” indicava que essa proficiência provinha do fato de serem tais candidatos oriundos de variadas profissões, o que era ressaltado ao lado de cada nome: Dirceu Pinto da Silva, comerciante; Luiz J. Ferreira, dentista; Pedro Schein, agricultor; Timotheo Morach, perito-contador; Victor Milanez, economista; candidatos pelo PL. Jacob Longoni, agricultor e criador; Melton Inácio Both, bancário; Remy Regner, comerciante; Sezefredo Azambuja, advogado; candidatos pelo PRP.

De comerciante a comerciante, de advogado a agricultor, a lista de candidatos que o PL e o PRP disponibilizavam aos eleitores canoenses trazia a representação de setores diversos da sociedade por meio da variedade de profissões: “o advogado, que cultiva o direito; o agricultor e o criador, que dominam a natureza promovendo a produção; o homem de comércio [...] todos estão representados na chapa que organizamos”.

Não podemos deixar de considerar, primeiro, a nota publicada na imprensa pelos partidos – enquanto algo que se dá a ler ao público – como um dos muitos componentes daquilo que Michel Offerlé chamou de “técnicas de busca do voto”, pois fazendo o eleitor,

⁹ AO POVO de Canôas. O Democrata, Canoas, n.º 09, 25 out. 1947. P. 02.

eles [os candidatos] se fazem elegíveis (2005, p. 355-356). Segundo, embora nunca tenha se limitado a apenas isso, conforme ressaltou a historiadora argentina Hilda Sabato, “o exercício da autoridade política sempre implicou o estabelecimento de vínculos entre governantes e governados” (2011, p. 15).

Ainda seria necessário observar outro aspecto: o caráter pedagógico da nota publicada por PL e PRP. Conforme lembra Michel Offerlé, as técnicas de conquista do voto tornam perceptível a íntima relação entre fazer o eleitor e fazer-se elegível (2005, p. 355-356). Tratando-se da eleição da primeira legislatura da Câmara Municipal, tornava-se imperioso incluir uma pequena lição sobre o trabalho a ser exercido pelos vereadores e o papel do legislativo para a vida da comuna, pois antes da naturalização e da interiorização do papel de cidadão, não havia nada de evidente em ser eleitor. Michel Offerlé sustenta que “não é fácil fazer uma conexão entre sua vida cotidiana e um pedaço de papel que se coloca dentro de uma urna” (2005, p. 354).

Conforme o argumento redigido pelos dois partidos, ao se apresentarem ao eleitorado como alternativa elegível, as atribuições dos vereadores eram complexas e consistiam em “redigir leis, discutir e votar os orçamentos do município”. Instrução, higiene, estradas e finanças: diversos seriam os temas que passariam pela deliberação dos legisladores municipais. Entretanto, o objetivo fundamental dizia respeito ao “progresso de Canoas” e seu potencial de beneficiar “a população em geral e, ipso facto, a cada um de seus componentes em particular”.

Tais partidos não eram os únicos inseridos naquela disputa. Em 12 de novembro de 1947, três dias antes do pleito, o PSD publicou a seguinte nota “Ao eleitorado canoense” na capa de *O Democrata*:

Ao se aproximar o dia 15 do corrente, no qual o criterioso eleitorado canoense, mais uma vez¹⁰ comparecerá às urnas para cumprir o dever cívico do voto, e, nessa ocasião, para a escolha dos legisladores da nossa futura Câmara Municipal, sentindo-nos com o dever e com o direito de nos dirigirmos ao culto eleitorado deste município, conclamando-o a que sufrague nas urnas de sábado próximo, os candidatos do PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO¹¹, cujos nomes são a mais sólida garantia do progresso futuro da nossa Comuna. Constituída e integrada por antigos e honrados canoenses, com larga folha de serviços prestados ao nosso município e ao seu povo, a chapa que indicamos e recomendamos aos nossos companheiros e amigos bem merece a preferência do eleitorado consciente desta terra. Conhecidos por seu passado e sua conduta, pautados sempre sob uma linha vertical de honestidade e dignidade moral, conhecedores dos problemas do

¹⁰ Já havia sido realizada, naquele ano, a eleição para o Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Era, porém, a primeira eleição municipal.

¹¹ Em caixa alta no original.

município e com eles identificados os componentes da chapa do Partido Social Democrático estão em condições de prestar eficiente colaboração ao Governo Municipal. ARTHUR PEREIRA VARGAS, ULYSSES MACHADO, VICENTE C. PORCELLO, MAX ODERICH, DECIO ANTONIO DA SILVEIRA, MARIO GRILO, JULIO FINKLER PRIMO, EMILIO ANTONIO PEREIRA e JUVENAL MACHADO, são nomes que dispensam apresentação, ligados que estão, todos eles, à própria história de Canoas. Homens do trabalho, afeitos à luta de todos os dias, em contato direto com o povo de cujas necessidades e anseios são conhecedores, são eles, por isso mesmo, os mais indicados para, na Câmara Municipal, propor as medidas e soluções para os problemas que nos afligem. CANOENSE: Do teu voto dependerá o futuro e o progresso da nossa terra. Comparece sábado próximo à tua mesa eleitoral e vota em um dos candidatos do Partido Social Democrático, essa pujante agremiação política que já elegeu o Presidente da República e o Governador do Estado, e que agora elegerá os vereadores que indicamos acima para a felicidade de Canoas e bem estar de seu povo. [Seguem os nomes de dezenas de signatários]¹².

O apelo via civismo marca esse excerto que é, ao mesmo tempo, convocatória ao exercício do voto pelo eleitor e meio de promoção das candidaturas do partido, ato incentivador da produção do eleitor e tentativa de constituição de um eleitorado. Enquanto texto escrito para ser lido pelo público eleitor/leitor, não é arriscado afirmar que a nota “ao eleitorado canoense” publicada pelo PSD tinha a pretensão de despertar o interesse pelo processo eleitoral. A frase entende como inevitável o encontro dos eleitores com a cédula, a urna e a cabine eleitoral: o eleitorado “comparecerá às urnas”, não para simplesmente depositar seu voto, mas para cumprir seu “dever cívico”.

Aquilo que pode passar, num primeiro e rápido olhar, como um elogio nem tão desinteressado dirigido ao eleitorado, pode também ser considerado uma tentativa de atribuir significado ao voto. Ao qualificar o eleitor, ao conceder-lhe os adjetivos “criterioso” e “culto”, pode estar expresso o padrão de eleitor que as elites políticas desejavam produzir. Por outro lado – mas ainda do seu ponto de vista –, uma escolha criteriosa não poderia recair, senão, no partido cuja nominata era “constituída e integrada por antigos e honrados canoenses”.

Os qualificativos que a nota do PSD destina aos seus candidatos, “homens de trabalho, afeitos à luta de todos os dias, em contato direto com o povo de cujas necessidades e anseios são conhecedores”, servem de indício da representação do bom candidato e dos sentidos atribuídos ao *ser candidato*. Tanto nesta nota quanto naquela publicada conjuntamente por PL e PRP, a qualidade característica das candidaturas reside no fato de serem “homens de trabalho”. Isso, diante de um eleitorado formado cada vez mais por operários¹³,

¹² AO ELEITORADO canoense (publicação do PSD). O Democrata, Canoas, n.º 10, 12 nov. 1947. Capa.

¹³ Conforme os dados levantados pelo IBGE nos censos demográficos de 1940 e 1950, a participação das atividades ligadas à agropecuária e extração dentre os setores de atividade da população economicamente ativa

talvez corresponda à subjetivação que resulta da relação do cidadão com o Estado, conforme salientado por Paul Veyne: “esse indivíduo é atingido no coração pelo poder público quando é atingido na sua imagem de si, na relação que tem consigo mesmo quando obedece ao Estado ou à sociedade” (1987, p. 10).

Partido de um prefeito que, nomeado pelo governador do Estado – o também pessedista Walter Jobim –, passaria a viver uma experiência nova – a de governar perante um legislativo –, o PSD, por fim, deixava claro que a função de seus futuros vereadores seria “prestar eficiente colaboração ao Governo Municipal”. Porém, de forma muito mais clara, é destacado o papel a ser exercido pelo eleitor: pede-se que ele compareça; pede-se que ele vote; pede-se que ele pense no futuro; pede-se que ele deseje o progresso; incita-se ele a votar; conclama-se ele a eleger.

Aproximava-se o dia de mais uma eleição, e o jornal *Canoas em Marcha*, em edição de 20 de outubro de 1951, publicava uma série de anúncios de candidaturas à vereança e ao executivo municipal. Embora a capa estivesse reservada à propaganda, em letras grandes na parte superior, do candidato petebista Sady Schivitz, e esta figurasse convenientemente combinada à notícia de que o prefeito, o também trabalhista José João de Medeiros, havia iniciado as obras de canalização de água para a cidade, a contracapa do jornal continha uma nota sobre Paulo Szekir, candidato a vereador pela UDN:

O pleito eleitoral de 1º de novembro, vem agitando todas as classes. É que vários são os candidatos a renovação da Câmara Municipal. Entre estes figura o Sr. Paulo Szekir, que faz jus à nossa recomendação ao eleitorado canoense, pelo seu caráter íntegro, pela sua capacidade de trabalho, pelo seu cavalheirismo sem par, pelo seu gênio afável, predados estes que o tornam um dos vultos mais populares e benquistos nesta cidade. Paulo Szekir, conhecedor profundo das necessidades e dos interesses do povo canoense, uma vez eleito, saberá corresponder à confiança daqueles que irão levar seu nome a urna. Paulo Szekir – recomenda-se pelo seu passado de lutas, pelas suas qualidades morais e intelectuais, que sempre estiveram em defesa dos pequenos e dos oprimidos. É o candidato que recomendamos, um batalhador incansável que saberá retribuir com leis tão ansiadas quão benéficas, o voto que o povo canoense dará ao seu nome. Este nosso candidato cheio de bons serviços prestados a coletividade como funcionário público que é, será, uma vez eleito, a sentinela avançada em defesa de melhores dias de um povo bom, honesto como é o povo de Canoas. Votai para vereador em Paulo Szekir – e ficai com a consciência tranquila. (Mandado publicar por um grupo de amigos de Paulo Szekir)¹⁴.

Vivendo sua primeira experiência de democracia, a política brasileira se diferenciava em muito do modelo de participação política que vigorara até 1930. Conforme ressalta José

foi reduzida de 36,2% para 11,7% naquela década, enquanto a participação do setor ligado à indústria cresceu de 37,7% para 58,3% no mesmo período.

¹⁴ PAULO Szekir. *Canoas em Marcha*, Canoas, n.º 11, 20 out. 1951. Contracapa.

Murilo de Carvalho, esse novo eleitorado, cada vez mais urbano, é também progressivamente menos vulnerável “ao aliciamento e à coerção” (2013, p. 147). O autor ainda cita números que demonstram o aumento da participação eleitoral a índices inéditos na história republicana: em 1930, 5,6% da população brasileira votava; na eleição presidencial de 1945, os eleitores chegaram a 13,4% da população; em 1962 o eleitorado era formado por 26% da população total (2013, p. 146-147).

Sobre o período, Letícia Bicalho Canêdo menciona uma expressiva transformação no perfil dos candidatos, pois diante desses aparece cada vez mais a necessidade de construir uma “popularidade eleitoral”: “distribuir apertos de mão, empenhar-se para realizar ‘pequenos serviços’ aos eleitores com marcas de simpatia torna-se imprescindível” (2005, p. 538). Novo eleitor, pertencente a um grupo mais amplo, urbano e sem distinções de gênero, a ele dirigem-se as estratégias para a conquista do voto, o meio pelo qual o eleitor se consolida como tal e o candidato se faz eleito. O texto que se refere à candidatura de Paulo Szekir nos indica que os qualificativos já mencionados anteriormente – e que em parte reaparecem na descrição dos dotes do candidato – já não bastam nessa tentativa de atingir o eleitor: ser cavalheiro, ter serviços prestados, ser popular e benquisto são prerrogativas que fazem toda a diferença.

Essa é uma das formas pelas quais a política, por meio de partidos e candidatos, se dá a ler nas páginas da imprensa local. No entanto, essa edição do periódico *Canoas em Marcha* nos remete à outra questão: como a política se dá a ver?

Imagens na imprensa: a política se dá a ver

Com Roger Chartier, aprendemos que um livro ou uma publicação é muito mais do que o texto construído pelo autor, pois possui uma materialidade, detalhes gráficos, dedicatórias, advertências aos leitores, ou seja, elementos para além do texto (SILVA, 2011, p. 244). No caso das fontes jornalísticas com as quais estamos trabalhando, os textos são muitas vezes acompanhados de fotografias e as páginas são compostas tanto por textos como por imagens.

Abordando o seu uso pelos historiadores, Sandra Pesavento destacou o fato de as imagens terem valor documental, mas não mimético, posto que são representações do mundo elaboradas para serem vistas: “toda a imagem se dá a ver, todo o texto se dá a ler” (2008, p.

84-85). Nesse sentido, Maria Eliza Linhares Borges observa na imagem uma linguagem que não é verdadeira nem falsa, pois seus discursos “sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de medição dos tempos culturais” (2011, p. 80). As imagens são simbólicas e, portanto, portadoras de significados para além daquilo que é mostrado. Dessa forma, “a imagem é sempre uma construção, uma interpretação, uma recriação do real” (PESAVENTO, 2008, p. 103).

Sandra Pesavento salienta que a imagem é uma narrativa que conta e explica algo e, assim, toda a imagem “suportaria uma mensagem discursiva” (2008, p. 108). Segundo ela, o que os historiadores querem com relação às imagens é o seu valor de texto, permitindo a leitura e, dessa forma, o acesso aos traços visíveis do passado. Citando Paul Ricoeur, Pesavento traça aproximações entre a hermenêutica da leitura e a leitura das imagens, composta pela etapa da pré-figuração, da configuração e da refiguração¹⁵.

Considerando tudo isto, selecionamos quatro imagens publicadas nos exemplares da imprensa local que estamos analisando. As imagens número 1 e 2 foram publicadas no jornal *Canoas em Marcha* na edição de 20 de outubro de 1951. As imagens 3 e 4 foram publicadas, respectivamente, nos periódicos *Expressão*, em 23 de outubro de 1954, e *O Momento*, em 12 de janeiro de 1957.

Tais imagens veiculadas pela imprensa local nos períodos de campanha eleitoral são portadoras de quais significados? Quais representações acerca do voto e dos papéis sociais a serem exercidos por candidatos e eleitores podemos apreender a partir da leitura de tais imagens? Preliminarmente, e por hora analisando um conjunto muito pequeno de imagens e textos, podemos considerar estas publicações como um indicativo do papel da imprensa nas eleições municipais (Quem edita o periódico? Quais as relações entre jornalistas, editores e elites partidárias? Quem decide acerca da disposição das notícias e da publicidade, dos textos e das imagens, da visualidade pretendida pelo jornal?).

A publicação de propagandas de candidatos e notas de partidos políticos, eventualmente acompanhadas de reproduções fotográficas, caricaturas ou outras imagens, indica que, se os veículos de imprensa local não estavam diretamente vinculados aos projetos

¹⁵Sandra Pesavento sistematiza da seguinte forma: na fase da pré-figuração, as perguntas formuladas buscam dar conta de uma contextualização, delimitando a historicidade do processo criativo; Na fase da configuração, na qual se buscaria o “tema (o quê) e o ‘como’ do objeto, assim como o seu ‘porquê’”. É o momento da delimitação e análise dos “elementos da trama, da ação, dos personagens, dos materiais empregados”; A fase da refiguração, é o momento em que o leitor remete-se a outros textos e imagens, quando ocorre a atribuição de significados ao texto ou imagem (2008, p. 114-115).

Imagem 1: Capa do jornal *Canoas em Marcha*, edição de 20 de outubro de 1951.



Fonte: Unidade de Patrimônio Histórico e Arquivo Municipal de Canoas/RS.

políticos em disputa (ou se nem todos estavam), ao menos pode ser observado um interesse das elites partidárias e dos candidatos locais na publicidade de seus rostos, nomes, siglas e propostas perante o público leitor (e eleitor).

No caso da imagem número 1, trata-se da capa daquela edição do jornal *Canoas em Marcha*, na qual o título da notícia – “Água encanada para Canoas!” – está articulada com a propaganda que, logo acima, divulga as candidaturas de Sady Schivitz e David Bonder a prefeito e vice-prefeito. Os dois candidatos petebistas são divulgados com seus nomes em letras grandes e com fotos individuais: Schivitz aparece de terno e gravata e sequer esboça um sorriso (seriedade?); Bonder dá-se a ver portando uma toga (proficiência?).

O parágrafo-guia da notícia diz o seguinte: “Continuando a série de realizações, objetivas de seu governo, inicia o major Medeiros as obras de canalização d’água para a cidade”. Correligionário do governador Ernesto Dorneles (PTB) e por ele nomeado, José João de Medeiros¹⁶ exercia o cargo de prefeito municipal quando os eleitores do município se preparavam para a sua primeira eleição de prefeito. E assim, a propaganda dos candidatos do

¹⁶ José João de Medeiros (1906 – 1992) ingressou no Exército em 1923, participou da Revolução de 1930 e da Revolução Constitucionalista de 1932, em ambos episódios ao lado de Getúlio Vargas, em cujo governo fez parte da Secretaria de Segurança Nacional. Participou da instalação da Base Aérea de Canoas (1937) e do movimento de emancipação (1939). Foi um dos fundadores do PTB no município e nomeado prefeito municipal em 1951 – cargo que exerceu até a posse do primeiro prefeito eleito, em 1º de janeiro de 1952 (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS, 2005, p. 15-16). Concorreu a prefeito pelo PSP, em 1955, e pelo PTB em 1959, sendo eleito nesta ocasião para mandato exercido até 1964. Participou do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo eleito vice-prefeito em 1968. Ele e o prefeito eleito, Carlos Loureno Giacomazzi, foram impedidos de assumir quando Canoas foi declarada Área de Segurança Nacional (ANGELI, 2012, p. 29).

PTB e a notícia que anunciava a obra realizada pela administração trabalhista não estavam articuladas somente na sua disposição na página do periódico.

O médico David Bonder, que em outubro de 1951 tinha seu nome divulgado nas páginas de *Canoas em Marcha* como candidato a vice-prefeito pelo PTB, em 24 de dezembro do ano seguinte era anunciado pelo jornal como seu novo diretor-gerente¹⁷. Isso tornava necessária a nota publicada pelo periódico na capa daquela edição: “*Canoas em Marcha* é um órgão de imprensa completamente independente”¹⁸.

A segunda imagem representa o modelo de anúncio político mais recorrente na imprensa local desse período: a fotografia do candidato, geralmente de terno e gravata, ocupa o centro da imagem, ladeada pela sigla do partido (nesse caso o Partido Socialista Brasileiro) e tendo abaixo o nome do candidato. Nesse exemplo, a imagem vem acompanhada de uma frase sugestiva: “Vote para vereador no candidato do PSB Kurt Alfredo Hoffmann, que saberá ser digno do teu voto”.

Imagem 2: Anúncio do candidato Alfredo Hoffmann (PSB) no jornal *Canoas em Marcha*, edição de 20 de outubro de 1951.



Fonte: Unidade de Patrimônio Histórico e Arquivo Municipal de Canoas/RS.

Mais uma vez, a tentativa da constituição de um eleitorado (suficiente para eleger o candidato socialista – o que acabou não se concretizando) vem acompanhada da incitação ao leitor a tornar-se eleitor: o candidato saberá ser digno do *teu voto*, mas para isso, *vote!* E a

¹⁷ DR. DAVID Bonder. *Canoas em Marcha*. Canoas, Ano II, n.º 3 ano, 24 dez. 1952. P.06.

¹⁸ AVISO à população canoense. *Canoas em Marcha*. Canoas, Ano II, n.º 3 ano, 24 dez. 1952. Capa.

imprensa é um dos canais que ele identifica como úteis para a comunicação com os leitores e com seu possível eleitorado.

Poucos meses após o dramático final do governo de Getúlio Vargas, o jornal *Expressão* arriscava a publicação de uma crítica, a pedido do PSD local, direcionada ao ex-presidente recém-falecido. No título, “saudação povo do PTB”, uma crítica aos petebistas. No seu conjunto, a intenção de provocar a todos ao tratar daquilo que a todos atinge: o preço da carne, o preço do arroz, o preço do pão... A crítica atingia aquilo que era central no discurso político do PTB: sua relação com a classe trabalhadora – naquele momento atingida pela inflação.

Imagem 3: Publicidade do PSD no jornal *Expressão*, edição de 23 de outubro de 1954.



SAUDAÇÃO DO POVO AO PTB

— 1950 —

Governo do Gal Dutra	
Carne	kg. Cr\$ 4,00
Arroz	kg. Cr\$ 3,00
Banha	kg. Cr\$ 14,00
Pão	kg. Cr\$ 3,50
Café	kg. Cr\$ 18,00
Manteiga	kg. Cr\$ 14,00
Total	Cr\$ 56,50

Governo de G. Vargas	
Carne	kg. Cr\$ 15,00
Arroz	kg. Cr\$ 9,50
Banha	kg. Cr\$ 22,00
Pão	kg. Cr\$ 9,00
Café	kg. Cr\$ 80,00
Manteiga	kg. Cr\$ 84,00
Total	Cr\$ 219,50

(Mandado publicar pelo Diretório Municipal do P.S.D.)

Fonte: Unidade de Patrimônio Histórico e Arquivo Municipal de Canoas/RS.

Getúlio Vargas havia se colocado como “defensor daqueles que, por suas condições precárias de vida, não haviam conseguido ainda se fazer representar nem merecer a atenção quer das agremiações políticas, quer do poder estabelecido” (GOMES; D’ARAÚJO, 1989, p. 54). E, de fato, conforme lembra Jorge Ferreira, o crescimento eleitoral do PTB não foi casual nem arbitrário, pois a democracia que vigorou entre 1945 e 1964 “representou um período em que trabalhadores e populares participaram ativamente do processo político” e estabeleceram “em sua cultura política a noção de que eram cidadãos no plano social e, portanto, merecedores de uma legislação protetora do trabalho” (2005, p. 375).

Para os idealizadores da “saudação”, se esta fosse publicada somente com o recurso das palavras, talvez o efeito esperado não se concretizasse. A imagem faz toda a diferença ao oferecer ao público leitor uma representação bastante diferente da imagem mais divulgada de Getúlio Vargas. A bombacha e o lenço no pescoço são características do líder trabalhista, porém, a presença da aureola acima da cabeça compõe, junto ao quadro comparativo dos preços, o sentido irônico com o qual os pessedistas *saudavam* aos trabalhistas.

O humor é uma das formas pelas quais se busca atingir o leitor dos periódicos. E assim como no caso da caricatura do *santo* Getúlio Vargas, a charge da imagem 4 apela para o gracejo na tentativa de chamar a atenção do público para um elemento do debate político local. A construção de novos prédios para o presídio e para o correio estão no cerne da cobrança que o representado faz ao seu representante.

Imagem 4: Charge publicada no jornal *O Momento*, edição de 12 de janeiro de 1957.



Fonte: Unidade de Patrimônio Histórico e Arquivo Municipal de Canoas/RS.

Em *História e História Cultural*, Sandra Pesavento ressalta que na utilização de imagens pelo historiador, o que importa é ver “como os homens se representavam, a si próprios e ao mundo, e quais os valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar” (2012, p. 88). Na charge, há dois personagens: o “homem comum” e o “seu vereador”. Nota-se claramente a desproporcionalidade das duas figuras. O primeiro, magro e baixo, pequeno sujeito diante do grandalhão vereador, fita seu representante com um semblante grave que se completa com os braços abertos na pose típica de quem cobra do outro uma atitude.

Esse outro é o vereador, alto e gordo, trajando terno, suspensório e gravata no estilo borboleta, que mira de cima para baixo o pequeno homem que lhe cobra providências. São as mãos de “pequenos homens” como esse que a imagem representa, que depositam nas urnas cédulas contendo os nomes de “homens grandes” como o vereador que a imagem também representa. Já que na democracia a “legitimidade do poder funda-se sobre o povo” (LEFORT, 2011, p. 92), é como se nessa troca de olhares forçada pela interpelação do “pequeno homem” estivesse representado o cordão umbilical que une o eleito àquele que o elegeu.

Chamava-se *O Momento* o jornal que publicou a charge na qual eleitor e eleito encaram-se mutuamente. É como se essa mirada reivindicatória congelasse no tempo *o momento* exato do nascimento de um cidadão. Fazer nascer um cidadão. Seria este o desejo que gestavam os responsáveis pela publicação da charge?

Quem lê e quem escreve: o eleitor se faz ouvir?

Segundo Roger Chartier, “a experiência mostra que ler não significa apenas submissão ao mecanismo textual” (1992, p. 214). Podemos considerar que as publicações de partidos e candidatos são elementos constituintes da rede de sentidos do campo político, mas isso não implica necessariamente que o leitor dos jornais seja construído enquanto eleitor e cidadão de uma forma passiva. É novamente Chartier que enfatiza: “seja lá o que for, ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos” (1992, p. 214).

Porém, diante da tensão que atravessa a crítica literária – entre a liberdade dos leitores e as coerções que buscam reprimi-la – Chartier destaca que a História oferece duas abordagens necessariamente ligadas: “Reconstruir a diversidade de leituras mais antigas, a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura organizada” (1992, p. 215).

Na visão de Chartier, é necessário reunir duas perspectivas que geralmente não se articulam: “O estudo de como os textos e as obras impressas que os comunicam organizam a leitura autorizada; e, por outro lado, a compilação de leituras concretas, costuradas em declarações individuais ou reconstituídas no nível das comunidades de leitores” (1992, p. 216).

Nos jornais *O Democrata*, *Canoas em Marcha*, *Expressão* e *O Momento*, ou seja, todos os que foram citados neste artigo até este ponto, podem ser encontradas opiniões diversas sobre o município de Canoas, sua vida política, seus problemas e as demandas de sua população. Porém, quando não se tratam dos editoriais ou de matérias assinadas pelos jornalistas, são produções textuais de dirigentes partidários ou pessoas ligadas de uma forma ou de outra com as elites políticas locais.

Esse quadro se altera, momentaneamente, quando nos encontramos diante do jornal *Gazeta de Notícias*, que circulou em Canoas entre 1959 e 1961 e se apresentava como “um jornal realmente independente”. Na edição de 12 de junho de 1959, surge uma coluna intitulada “O que o povo pensa”, com a seguinte proposta: “publicaremos nesse espaço a opinião do povo sobre assuntos da atualidade”¹⁹. Eis a reprodução da coluna:

A pergunta de hoje é: O que nos diz sobre a crescente alta do custo de vida? – ‘É consequência da má orientação que os nossos governantes vêm dando ao país. Quando mais se precisa de trabalho o que se faz é politicagem. Culpado também da inflação é o famigerado Salário Mínimo’. Sr. Miguel dos Santos Ferreira – Funcionário Público. – ‘A vida está cada vez pior e, nós os pobres, não temos esperança de melhora. O senhor quer um exemplo? A semana passada, paguei por uma lata de azeite Cr\$ 60,00. Pois ontem, fui comprar do mesmo azeite e, sabe quanto paguei? 90 cruzeiros! E, ainda dizem que o leite vai aumentar!’ Sra. Castorina Modesto – Doméstica. – ‘Ruim, mesmo, a vida está para nós, operários. O salário sobe, mas nunca chega, pois os gêneros sobem muito. Não adianta dar salários novos todos os anos, se eles não fizerem frente a alta que se verifica em todos os setores...’ – Jovem Hélio Rezem – Pintor²⁰.

Os três sujeitos que responderam à enquete, e não sabemos quais teriam sido os critérios de escolha, fazem uma crítica aos governantes em decorrência do aumento do custo de vida. O funcionário público critica o que chama de “politicagem” e aponta o salário mínimo como um dos culpados pela inflação. Entretanto, parecem mais representativas as falas da doméstica e do pintor, ao menos por duas razões: a forma como caracterizam a si e ao seu grupo (“nós, os pobres” e “nós, os operários”); e a referência à vida cotidiana (o preço do azeite e a relação entre preços e salários).

Pensando no papel da imprensa local na relação entre candidatos e eleitores, podemos dizer, a partir do exemplo acima, que o eleitor se faz ouvir por meio do jornal? Acrescentada esta pequena exceção, no caso da documentação pesquisada, o eleitor – e mais amplamente o cidadão – é sempre representado pelos candidatos, pelas elites dirigentes dos partidos

¹⁹ O QUE o povo pensa. *Gazeta de Notícias*. Canoas, 12 jul. 1959. P.02.

²⁰ Idem.

políticos ou por outros agentes (jornalistas, editores, colunistas, comentaristas) mais ou menos ligados aos grupos políticos que disputam o poder.

Nesse sentido, o jornal *O Momento* publicou, em 24 de setembro de 1955, um editorial sobre as eleições municipais que então se aproximavam: “A cada dia que passa, mais próximos estamos do dia em que teremos de escolher os nossos representantes. A responsabilidade é enorme”. Após eleger uma série de demandas como prioritárias, o texto do periódico imprime uma receita aos eleitores: “o povo não pode continuar à margem das discussões que dizem respeito à solução dos problemas nacionais e municipais. O povo deve participar, ativamente, votando em quem merece governar”²¹. Nesse caso, são os editores do jornal que prescrevem a forma correta da participação do cidadão por meio do voto.

Quando, nas eleições de 1955, nenhum vereador foi reeleito, artigo assinado pelo jornalista Walter Galvani da Silveira, afirmava que tal acontecimento havia sido um ato de justiça efetuado pelo povo. O comentário chegava à seguinte conclusão: “isso vem provar que o povo não está mais satisfeito com a atuação de nenhum dos seus representantes”²². É o comentarista do pleito que constrói uma interpretação acerca do sentimento do povo a partir do resultado das urnas.

Um texto assinado por Moisés Machado, publicado na *Gazeta de Notícias* em 21 de outubro de 1959, ressalta as realizações da administração municipal e defende a candidatura do governista Hugo Simões Lagranha a prefeito. Suas palavras finais são as seguintes: “Mais vale uma ação do que mil palavras. O povo que julgue e que dê sua resposta por meio de sua arma, que é o voto”. A forma de ação legítima que cabe ao povo é o voto, e assim a ação esperada do eleitor é ditada pelo articulista.

Publicado no jornal *Folha de Canoas* em 26 de julho de 1959, o anúncio das candidaturas de João Galhardo a vereador e de José João de Medeiros a prefeito, ambos pelo PTB, propõe-se a falar diretamente com o eleitor/leitor canoense: “procura com teu voto consciente eleger homens que conheçam os problemas do Município e a necessidade de uma população tão merecedora de melhores atenções dos Poderes Públicos”²³. É o candidato, que nesse caso é também proprietário do periódico, que atribui um significado ao voto do eleitor.

²¹ APROXIMAM-SE as eleições. *O Momento*. Canoas, Ano I, N.º 30, 24 set. 1955. Capa.

²² O POVO fez justiça. *O Momento*. Canoas, Ano I, n.º 33, 15 out. 1955. Capa.

²³ *Folha de Canoas*. Canoas, Ano I, N.º 33, 26 jul. 1959.

Talvez nesse ponto seja importante recordar a reflexão que Michel Offerlé propõe para quem deseja decifrar historicamente o enigma do voto: para que haja eleições é necessário que haja eleitores e é necessário que haja também candidatos. O ato de votar faz aparecer objetos, produtos e conceitos novos da urna aos eleitorados, dos cartazes aos comentaristas. E citando Alain Garrigou, ressalta que o eleitor elege, mas esquece que a eleição primeiro o construiu enquanto eleitor (2011, p. 178).

Candidatos, partidos políticos, governantes, jornalistas, editores, articulistas e comentaristas constroem representações sobre o voto, atribuem sentidos ao *ser eleitor* e ao *ser candidato*, tomam parte na produção do eleitor. O que o eleitor fará com o voto, quem elegerá, que sentido ele atribuirá ao seu voto, suas escolhas, tudo será definido por ele posteriormente. Porém, nesse instante, ele já será *eleitor*.

Considerações finais

Estudando os processos de construção de eleitores e de eleitorados com base nas eleições municipais realizadas em Canoas/RS entre 1947 e 1963, encontramos nos jornais que circularam no município durante esse período um *corpus* bastante significativo para a compreensão das relações entre candidatos e eleitores. Entendendo que o passado só chega até nós de forma indireta, por meio de fragmentos, vestígios, indícios, a proposta tem sido rastrear o conjunto de representações constituintes da rede de sentidos que tais sujeitos atribuíam à política.

Ao tratar do que chamou de “revolução silenciosa”, Jean-Yves Mollier destacou que, no caso francês, o sufrágio universal e, no fim do século XIX, a escolarização, fizeram com que os cidadãos fossem incluídos no mundo da leitura (2008, p. 81). No Brasil, conforme Letícia Bicalho Canêdo, o conjunto de transformações, incluindo as políticas educacionais, promovidas durante a Era Vargas, propiciaram no período seguinte (1946-1964) o surgimento do eleitor-cidadão (2010, p. 537).

A existência de um jornal, com notícias, artigos literários, variedades, e, principalmente, com publicidade (inclusive anúncios políticos) pressupõe a existência de leitores. Em potencial, havia leitores no município, pois segundo os dados coletados pelo IBGE nos censos demográficos de 1940 e 1950, o índice de pessoas que sabiam ler e escrever

em Canoas passou de 54,77% para 67,77% nessa década²⁴. Não é possível saber sobre a circulação desses periódicos nos bairros, mas podemos imaginar, inclusive pelos anúncios, que havia circulação pelo menos nas casas comerciais e nos diversos espaços de sociabilidade.

A história da imprensa em Canoas registra a existência de dezenas de jornais entre as décadas de 1930 e 1960: o primeiro impresso canoense foi o jornal *O Cruzeiro*, que circulou em 1935, seguido de *O Canoense*, em 1937 e *O Farrapo*, no mesmo ano, todos antes da emancipação de Canoas, ocorrida em 1939 (PFEIL, 2005, p. 5-6). Após a emancipação, foram editados *A Notícia* (1940), *Folha Canoense* (1941 – 1942), *O Democrata* (1947 – 1950), *Correio de Canoas* (1950), *A Tribuna* (1951), *Canoas em Marcha* (1951-1953), *Expressão* (1954), *O Momento* (1955 – 1958), *A Semana* (1956), *Folha de Canoas* (1958 – 1959), *Gazeta de Notícias* (1959 – 1961), *O Gaúcho* (1961 – 1963)²⁵ e tantos outros que excedem o recorte temporal da pesquisa.

Sabemos que a crescente urbanização e a industrialização modificaram o perfil dos eleitores brasileiros. As políticas de alfabetização e a incorporação do voto feminino levaram a ampliação do eleitorado. Por sua vez, a criação de importantes partidos políticos nacionais e a experiência democrática iniciada no Brasil após o Estado Novo, alteraram a característica dos candidatos, que passam a contar cada vez mais com sua popularidade e representatividade junto aos trabalhadores.

Como lembra Offerlé (2011), para haver eleição é necessário que haja eleitores, o que implica no trabalho de convencimento por parte dos candidatos, pois ao construir o eleitor eles se tornam elegíveis. Dessa forma, e no período que estamos estudando, torna-se fundamental o contato dos candidatos com os eleitores, o incentivo ao voto e a construção de um eleitorado.

Em diversos casos nos quais o início da circulação dos periódicos coincide com o período pré-eleitoral, isso se explica pela íntima relação entre jornalistas, editores e lideranças políticas. O jornal é visto, assim, como uma ferramenta útil ao difícil empreendimento que consiste em conquistar votos. Em outros casos, independentemente de quem edita o jornal, diversos partidos e candidatos publicaram seus manifestos e seus anúncios, pelos quais

²⁴ Censos demográficos de 1940 e 1950 (Fundação Estadual de Economia e Estatística).

²⁵ Conforme levantamento realizado por GRAEBIN e AVANCINI (2004).

buscavam transmitir mensagens aos eleitores. O jornal é visto, também assim, como um dos caminhos possíveis da construção de eleitorados.

Portanto, podemos afirmar que a imprensa local foi vista como um canal de comunicação entre candidatos e eleitores/leitores. Representantes de variadas clivagens políticas, incluindo partidos como PSB, PTB, PSD, PL, PRP e UDN, e candidatos a vereador e a prefeito de diferentes perfis e propostas, identificaram os jornais como uma possibilidade de aproximação com o leitor que desejavam tornar eleitor.

A utilização de periódicos já está bastante difundida na pesquisa histórica recente, porém, como qualquer fonte, não podemos considerá-los como detentores de uma verdade que se oferece à colheita. O texto publicado no jornal pressupõe um leitor e, no caso da propaganda política, busca mobilizá-lo, incitá-lo, conquistar sua adesão e constitui-lo como parte de seu eleitorado. Isso exige de nós, uma leitura intensiva, como propusera Elmir (1995).

Produzido para ser lido, visto, manuseado, passado de mão em mão e assim multiplicado, o jornal local foi um caminho encontrado por candidatos e partidos para darem-se a ler e a ver pelos eleitores/leitores. Sandra Pesavento dizia que a força da representação “se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade sociais” (2012, p. 41). Nesses periódicos, encontramos representações acerca do voto, das eleições, dos eleitores, dos candidatos, dos cargos em disputa, dos partidos, da democracia, enfim, de todos os componentes do campo político.

Partidos políticos apresentavam os seus candidatos como “homens de trabalho”, proficientes, honestos, dotados de “autoridade moral e intelectual”. Candidatos se apresentam como “benquistos” e dignos do voto do eleitor. O voto é visto como arma legítima de ação do povo. As eleições são tidas como momentos propícios à demonstração, por parte do eleitorado, de sua “consciência política”.

Por meio de textos e imagens, partidos e candidatos constroem representações sobre si e também sobre o eleitor e seu papel cívico. Acima de tudo, dita-se a ação que se espera do eleitor/leitor: “vote”, “eleja”, “sufrague”, “procure seu título eleitoral”. E assim, ao construir uma imagem de candidato para os leitores, empreende também um esforço na construção dos leitores enquanto eleitores.

Com raras exceções, essas imagens dos candidatos e dos eleitores foram construídas por jornalistas, editores, comentaristas, articulistas e pelos próprios candidatos e elites dirigentes dos partidos políticos. Como o chargista que desenha um cidadão encarando seu vereador e cobrando-lhe providências, todos eles se empenham em desenhar o eleitor como querem que ele seja, como desejam que ele se comporte, como imaginam que ele é ou deveria ser. Certamente o leitor anônimo constrói outro conjunto de representações acerca da vida política. O desafio é encontrar os vestígios dessas outras versões.

Referências

- ANGELI, Douglas Souza. “*Sombra, medo e pesadelo*”: o MDB e a construção de um discurso de oposição na ditadura militar. Trabalho de conclusão de curso. Canoas: Unilasalle, 2012.
- AVANCINI, Elsa Gonçalves; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Guia de fontes históricas de Canoas. Canoas: Prefeitura Municipal de Canoas, 2004.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CAMPOS, Helena Guimarães. *História e linguagens*. São Paulo: FTD, 2009.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. Aprendendo a votar. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 517-544.
- _____. Apresentação. In: _____ (Org.). *O sufrágio universal e a invenção democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. P. 09-22.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. IN: Hunt, Lynn (org.). *A nova História Cultural*. São Paulo. Martins Fontes, 1992.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, n. 13, 1995.
- FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CANOAS. *História de nossos prefeitos* – volume 3. Nélson Paim Terra. Canoas: PMC, 2000.

_____. *História de nossos prefeitos* – volume 6. Cel. José João de Medeiros. Canoas: PMC, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Angela de Castro; D'ARAÚJO, Maria Celina. *Getulismo e Trabalhismo*. São Paulo: Ática, 1989.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Org.). *Canoas para lembrar quem somos* n.º 11. Bairro Fátima. Da comunidade fundadora aos dias atuais: muitas histórias, diversos olhares. Canoas: Fênix, 2009.

_____. *Bairro Harmonia: um mosaico gigante em Canoas*. 1 ed. Canoas: Unilasalle, 2013.

HARRES, Marluza Marques. *Municipalismo e democracia: São Leopoldo (1945-1964)*. In: _____.; HAIKE, Roselane; SILVA, Kleber (Org.). *A História da Câmara e a Câmara na História*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 72-97.

INSTITUTO CANOAS XXI. *O estado da cidade*. Canoas: Prefeitura Municipal, 2011.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios de história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OFFERLÉ, Michel. *A nacionalização da cidadania cívica*. In: CANÊDO, Leticia Bicalho (Org.). *O sufrágio universal e a invenção democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 343-362.

_____. *Perímetros de lo político: contribuciones a uma sócio-história de la política*. Buenos Aires: Antropofagia, 2011.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Cultura política: as mediações simbólicas do poder*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nadia Maria Weber; ROSSINI, Mirian de Souza. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 172-185.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz Maria Alasia. *Política ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; NUAP, 2010.

PENNA, Rejane (Coord.). *Canoas para lembrar quem somos*. Niterói – 2ª ed. rev. Canoas: La Salle, 2004.

_____. *Canoas para lembrar quem somos*. Rio Branco. 2ª ed. Rev. Canoas: La Salle, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: _____.; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Orgs.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 99-121.

PFEIL, Antonio Jesus. *O Cruzeiro e O Canoense: os primeiros jornais de Canoas*. Canoas: Tecnócopias, 2005.

_____. Que história foi essa...! In: RANINCHESKI, Sonia. *História, poder local, representação: a Câmara de Vereadores de Canoas*. Canoas: La Salle / Câmara Municipal, 1998, p. 32 – 36.

RANINCHESKI, Sonia. *História, poder local, representação: a Câmara de Vereadores de Canoas*. Canoas: La Salle / Câmara Municipal, 1998.

SABATO, Hilda. *Povo e política: a construção de uma república*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

SILVA, André Luiz Barros da. Uma resposta aos impasses – a obra de Roger Chartier, a História Cultural e os estudos literários. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org). Roger Chartier – a força das representações: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 239-248.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

VEYNE, Paul. O indivíduo atingido no coração pelo poder público. In: _____, P.; VERNANT, J. P.; DUMONT, L.; RICOEUR, P.; DOLTO, F. ; VARELA, F. ; PERCHERON, G. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987, p.9-23.

VIEGAS, Danielle Heberle. *Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2011.